

IMAGENS COMO PRÁTICA DE ENSINO EM SOCIOLOGIA E ANTROPOLOGIA NAS ESCOLAS INDÍGENAS

Célia Maria Foster Silvestre¹

¹ Professora do Curso de Ciências Sociais, Unidade Universitária de Amambai; e-mail: celia.silvestre@gmail.com

Área temática da Extensão: cultura

Resumo

A comunicação apresenta elementos do projeto de extensão “PROGRAMA DE ÍNDIO: imagens como prática de ensino em Sociologia e Antropologia nas escolas indígenas”, vinculado ao curso de Ciências Sociais da UEMS, Unidade de Amambai e desenvolvido na Reserva Indígena de Amambai. Através desse projeto, realizamos mostras de vídeos em escolas indígenas do município de Amambai, considerando-os como instrumentos favoráveis no ensino de conceitos fundamentais em Ciências Sociais. O intuito está ligado à percepção que, de forma lúdica, seja possível provocar o debate sobre situações cotidianas de dramas sociais. A imagem pode criar correspondência entre situações vividas e não identificadas, permitindo reflexão e criando paralelos que permitam ativar o protagonismo e buscar superação de situações problemáticas. O objetivo é contribuir para a formação continuada de professores, mas a ação estende-se, também, aos jovens que cursam ensino médio. A ação será desenvolvida tendo como foco a disciplina de Sociologia, ministrada no Ensino Médio nas escolas indígenas, mas propõe uma abordagem interdisciplinar, com conceitos provindos da Sociologia e Antropologia, que convergirão para a discussão das temáticas como educação e inclusão social, precarização do trabalho (com vídeos sobre o trabalho na cana de açúcar), gravidez na adolescência, conflitos por terras, exclusão social, cultura e identidade, preconceito, entre outras. A proposta vai além da interdisciplinaridade e propõe a aproximação da Universidade com os aspectos socioculturais vivenciados nas aldeias guarani e kaiowá, visando a interculturalidade, entendendo-a como a busca de diálogo entre culturas distintas. Entende-se que a aproximação entre os estudantes envolvidos no projeto, entre eles uma estudante guarani, e professores e estudantes do ensino médio nas escolas indígenas contribuirá para o diálogo intercultural.

Palavras-chave: Sociologia da imagem. Formação continuada de professores indígenas.

Introdução

Ações de extensão nas aldeias indígenas podem favorecer a interculturalidade enquanto via de mão dupla, podendo se caracterizar em projetos nos quais os estudantes percebam suas culturas valorizadas, e que, ao se integrarem a eles, ampliem as chances de suas permanências nos espaços universitários, através de acesso a bolsas de estudo.

Sociologia e Antropologia, enquanto áreas das ciências humanas que se dedicam ao estudo de grupos sociais e suas culturas têm muito a contribuir para a compreensão dos processos sociohistóricos e antropológicos vividos pelos povos indígenas.

A ludicidade é uma característica bastante presente entre os Guarani e Kaiowá. Metodologias que se caracterizam pela utilização de elementos lúdicos encontram bastante receptividade, como demonstraram ações pedagógicas desenvolvidas no âmbito dos cursos de formação de professores mencionados acima.

Por esse motivo, mostras de vídeos, que permitam abordagens socioantropológicas, constituem em boas ferramentas didáticas, capazes de propiciar discussões fecundas e a introdução de conteúdos nessas áreas de conhecimento.

Material e métodos

A ação está sendo desenvolvida através de sessões mensais de mostra de vídeos nas escolas indígenas da Aldeia Amambai, especialmente no ensino médio e se destina a professores e estudantes do ensino médio da escola estadual da Aldeia Amambai. Essa metodologia justifica-se pelo conhecimento prévio da dinâmica de mostra de vídeos em aldeias: é um evento que atrai a atenção da comunidade e, por isso, contamos também com participantes externos.

As temáticas abordadas nos vídeos são: educação e inclusão social, precarização do trabalho (com vídeos sobre o trabalho na cana de açúcar), gravidez na adolescência, conflitos por terras, exclusão social, cultura e identidade, preconceito.

O Centro Indigenista Missionário (CIMI) tem várias produções que são utilizadas e estão disponíveis na internet. Esses vídeos vêm sendo utilizados, assim como outros, em longa metragem, que envolvem temáticas indígenas.

Resultados e discussão

O projeto foi iniciado no primeiro semestre de 2012 e tem tido sucesso, especialmente, nos aspectos formativos em Sociologia e Antropologia junto aos estudantes, que demonstram interesse pelas discussões a partir do uso de imagens.

A partir desse projeto, dois estudantes começaram a desenvolver projetos de extensão na Aldeia Amambai. Como parte das ações, os estudantes da Escola Indígena participaram da V Semana Acadêmica de Ciências Sociais, realizada em junho desse ano.

Essas ações estão diretamente relacionadas com a interdisciplinaridade e com o uso social do conhecimento em contextos interculturais.

A metodologia de conhecimento de matriz ocidental estabelece que para entender algo é necessário separar as partes, analisar, classificar e depois descrever, juntando para se construir um novo conhecimento. É a partir dessa concepção que os currículos escolares estabelecem sessões diferenciadas para o ensino das várias áreas de conhecimentos, cabendo aos estudantes processar e definir a conexão desses conhecimentos com seus mundos reais.

Não precisamos dizer que essas conexões estejam sendo feitas, exceto por algum professor mais preocupado que procura, dentro da sua área, chamar a atenção para esse ou aquele aspecto.

Quando se trata da formação de professores indígenas a delicadeza dessa questão fica ressaltada: se trata da interface entre paradigmas de conhecimento diferentes, expressos por linguagens diferentes, e com demandas também diferentes. Não é a toa que se supõe uma formação diferenciada.

Nesse sentido, a formação dos professores nas escolas indígenas não está dissociada da formação dos educandos a eles ligados. Como nos lembra Lévi-Strauss: “na nossa sociedade tudo se separa”, enquanto nas sociedades indígenas “tudo é misturado” (apud GRUPIONI, 1998, p.191).

Por esse motivo, as mostras de vídeos, que tem como objetivo a formação de professores indígenas, será extensiva à comunidade, ainda que sejam professores os interlocutores preferenciais no processo educativo. Além disso, será contanto com o apoio desses agentes na comunidade, que essas oficinas se realizarão, o que permitirá ampliar o protagonismo dos mesmos, algo que é tão cobrado pelas comunidades. Dessa forma, abre-se espaço para o fortalecimento da liderança do professor perante sua comunidade.

É, também, como base nesse aspecto da interdisciplinaridade, da formação a partir de múltiplos referências, que se torna legítimo propor um projeto de formação socioantropológica a partir de imagens. O mesmo questionamento feito quanto às muralhas rígidas em torno das áreas de conhecimento também é colocado tendo como referências as metodologias de pesquisa e registro de dados, criando caminhos que buscam uma Sociologia “menos arrogante e mais indagativa” (Martins, 2008, p. 35).

É nesse processo que a imagem e a fotografia se incluem como ferramentas que permitem não apenas leituras sociológicas diversas sobre aquilo que é capturado, por se

constituírem em registros construídos com bases fenomenológicas, mas também contribuem para análises sobre a origem do olhar que as gerou.

Martins (2008, p. 36), entende que a fotografia e a imagem podem “...contribuir significativamente para desvendar aspectos da do imaginário social e das mediações nas relações sociais que de outro modo seriam encarados sociologicamente com maior déficit de informação”.

Conclusões

O poder de registrar imagens, ou de ser imortalizado por elas e, portanto, de influenciar o imaginário social, foi, por muito tempo, prerrogativa dos poderosos. O olhar que se lançou sobre os povos indígenas, resultando nas imagens que deles foram feitas, revelam a perspectiva de exotismo com que eram mirados. Essas imagens contribuíram, e muito, para legitimar as ações de dominação que vitimavam esses povos.

Recentemente, essa perspectiva vem mudando. No âmbito do projeto “Vídeo índio Brasil”, os indígenas são captadores de imagens e protagonistas em seus enredos. Isso dá a eles as possibilidades de fazer registros de práticas culturais, produzir documentários, materiais didáticos visuais para as escolas indígenas e, acima de tudo, de utilizar essa técnica para favorecer novos olhares sobre seus povos, a partir dos ângulos que julgam apropriados.

Entretanto, muitos desses vídeos são desconhecidos nas aldeias, mesmo naquelas que contam com iniciativas de produção de imagens. Também não tem oportunidade de ver filmes nacionais e estrangeiros que poderiam contribuir para discutir suas condições de existências.

Os jovens, nesse aspecto, são os mais desfavorecidos. Não contam com a possibilidade de verem filmes de qualidade, que poderiam ampliar suas compreensões a respeito de temáticas que os angustiam. Por outro lado, uma ação direcionada, com mostra de vídeos apropriados, que favoreça a discussão dessas temáticas, pode favorecer a compreensão das circunstâncias históricas que apontam para o local e o universal.

Considerando os aspectos da formação de professores indígenas, a partir dos parâmetros legais e entendendo a universidade como instituição que deve apoiar as demandas indígenas, estendendo suas ações pedagógicas e científicas a esses povos, propõe esse projeto de extensão.

Referências

GRUPIONI, Luís Donisete Benzi (org.). **Índios no Brasil**. São Paulo: Global, 1998.

MARTINS, José de Souza. **Sociologia da fotografia e da imagem**. São Paulo: Contexto, 2008.